

Universidad de Medellín

Mulheres, costumbrismo, hispanismo e caráter nacional em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas**

Edméia Ribeiro**

Recebido: 7 de agosto 2012

Aprovado: 2 de outubro 2012

RESUMO

Este artigo apresentamos e problematizamos a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, publicada na década de 1870 na Espanha. Esta publicação foi composta por três volumes de textos abordando espaços territoriais na Espanha, América e Portugal e por litografias, e fez uso da simbologia feminina para representar tais espaços. Esta coleção foi moldada pela estética *costumbrista*, gênero que se destacou por descrever tipos sociais, hábitos, costumes e tradições. Sobre a temática feminina, partiu-se do pressuposto de que imagens idealizadas de mulheres foram utilizadas para tocar os imaginários sociais pelo que representavam –amor, submissão, honra, fecundidade, educação, abnegação– e também

como símbolos dos novos tipos sociais que surgiam em cena nos espaços nacionais que se configuravam perante as transformações européias. O hispanismo, discurso ideológico pautado nas experiências comuns e espírito espanhol, permeou toda a publicação. Por fim, tomou-se como também como hipótese que tanto a linguagem textual como a iconográfica localizaram e salientaram elementos formadores das sociedades espanholas, revelando origens, tradição, peculiaridades e singularidades desses povos –sob o signo feminino– que remetiam à problemática do caráter nacional espanhol.

Palavras-chave: *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*; Espanha, mulheres; *costumbrismo*; hispanismo; caráter nacional.

¹ Neste artigo optamos por apresentar e problematizar a fonte e objeto utilizado na composição da tese de doutorado intitulada “*Costumbrismo, hispanismo e caráter nacional em Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*: imagens, textos e política nos anos 1870”, defendida em 2009 na UNESP - Universidade Estadual Paulista – campus de Assis/São Paulo/Brasil, orientada pelo Professor Doutor Carlos Alberto Sampaio Barbosa.

² Mestre e doutora em História pela UNESP - Universidade Estadual Paulista – campus de Assis/São Paulo/Brasil. Professora de História da América do departamento de História da UEL - Universidade Estadual de Londrina/Paraná/Brasil. Correo electrónico: edmeialondrina@uel.br

ABSTRACT

In this article we presented and we problematized the collection *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, published in the decade of 1870 in Spain. This publication was composed by three volumes of texts approaching territorial spaces in Spain, America and Portugal and for lithographs, and made use of the feminine symbology to represent such spaces. This collection was molded by the aesthetics *costumbrista*, gender that stood out for describing social types, habits, custom and traditions. On the feminine theme, the starting point of the presupposition that women's idealized images were used to play the imaginary social for what they represent - love, submission, honors, fecundity, education, self-denial - and

also as symbols of the new social types that appeared in scene in the national spaces that were configured before the European transformations. The hispanism, ideological speech lined in the common experiences and Spanish spirit, permeated all the publication. Finally, it was taken as well as a hypothesis that as much the textual language as the iconographical they located and they pointed out elements that form the Spanish societies, revealing origins, tradition, peculiarities and singularities of those people - under the feminine sign - that sent to the problem of the Spanish national character.

Key words: *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*; Spain; women; *costumbrismo*; hispanism; national character.

Uma leitura possível...

A imagem abaixo abre o volume de litografias e sintetiza iconograficamente a concepção e objetivo da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Nela figuram três mulheres sentadas em meio a um jardim de pedras, cada uma representando simbolicamente os grupos retratados na coleção –Espanha, América e Portugal–, assim como os escudos e globo que aparecem acima da moldura dourada, que referenciam espaços territoriais e seguem a mesma organização e posição dos grupos na imagem. No entanto, o título, posicionado acima das figuras femininas e entremeado às ramagens que as circundam, evoca *Las mujeres españolas*, omitindo as outras personagens que compõem a figura e a coleção. Parte do letreiro –que destaca *Las Mujeres*– foi tonalizado em vermelho, que, além de simbolizar a cor da aristocracia e nobreza, também representa uma das cores da Espanha. Esses elementos desta litogravura, os primeiros a captar o olhar do observador, traduzem o sentido e orientam a interpretação de quem vê. Trata-se de uma alegoria espanhola, de uma “história –visual– de si”.

Os outros elementos que harmonizam a imagem completam a concepção e o ideal hispânico da litografia/coleção. Ao longe e ao fundo aparecem traços de uma cidade antiga com características medievais. Duas das mulheres, vestidas à romana, simbolizam a tradição; uma, a portuguesa, está apoiada em um escudo entalhado em pedra, com signos que representam politicamente seu país. Com a cabeça um tanto inclinada, cobre o peito com um manto verde e tem grande parte da perna desnuda e a cabeça curva para o lado da que simboliza a América.



Fig. 1. Litografia que compõe a coleção “*Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*”, produzida na década de 1870, na Espanha.

Estão juntas, coladas, sugerindo uma proximidade e até similaridades e, por outro lado, evidenciando um distanciamento em relação à espanhola. Uma outra, posicionada entre a portuguesa e a espanhola, numa mescla de caracteres nativos e alguns traços da civilização, representa a América. Seminua, segura na mão esquerda um pássaro exótico, referenciando a natureza americana selvagem. Com pele mais escura e cabelos negros, não usa nenhum adereço na cabeça. Seus seios estão expostos e o tecido que lhe cobre o ventre aparece como que colocado às pressas, de forma casual, para encobrir o corpo nu - fazendo alusão ao estado semisselvagem do americano.

A figura que representa a mulher da Espanha aparece ativa pelo posicionamento de sua cabeça, olhando para frente. Vestida de vermelho com uma tiara na cabeça, repousa sentada ao lado de um escudo que reproduz as Armas de Leão e Castela –o que simboliza em si a presença do Estado e da política – e tem nas mãos um livro de anotações– expressão da cultura letrada, signo de superioridade e civilização.

Expressão de vivacidade na litografia está na imagem que traz à cena a espanhola, no vermelho intenso do manto que lhe cobre a parte superior do corpo. Na cultura cristã, o vermelho poder ser associado ao sangue e ao fogo. Relacionado positivamente ao sangue, remete à vida, a pureza e a santificação. Também se constitui em signo de força, energia e redenção. Vinculado positivamente ao fogo –de Pentecostes e do Espírito Santo– simboliza luz, sopro, poder, generosidade, o que brilha e aquece (Pastoureau, 1997, p.160).

Por fim, emoldurando a cena em primeiro plano, observam-se belas guirlandas que sugerem um jardim –mais especificamente uma natureza humanizada– que adorna a cena, deixando-a bastante bucólica. Fechando o quadro encontra-se em uma moldura dourada, tal qual uma arqueologia da pátria, uma série de escudos que representam as quarenta e nove províncias espanholas apresentadas na coleção. A cor de ouro foi utilizada para representar os brasões e também para circundar esta e outras imagens. Segundo Corrêa Leite Ribeiro, esta coloração simboliza a riqueza, a justiça, a magnanimidade e o amor (Ribeiro, 1907, p. 46). Brasões –linguagem essencialmente simbólica que expressa nobreza e distinção– emolduram esta litografia. Constituem-se em testemunhas de um passado glorioso e configuram-se em referência a antigos heróis e à pátria. Compostos como símbolos honrosos, glorificam a ascendência e inspiram dignidade nos descendentes (Ribeiro, 1907, pp. 7-25).

Encontra-se, nesta litografia, a presença de múltiplos elementos, organizáveis e legíveis de diversas formas. A partir de um determinado recorte, encontra-se a contraposição do selvagem e do civilizado –americanos selvagens e europeus civilizados. A partir de outro, uma dualidade campo– *locus* da representação –e cidade– ao fundo. Em outro sentido, pode-se perceber a representação da

política espanhola na forma de brasões internos à imagem, enquanto a América tem somente a natureza como forma de caracterização.

Toda a cena da litografia está envolta pela simbologia nacional espanhola. Associadas ao contexto político do século XIX, os signos que compõem e organizam esta imagem que abre e apresenta a fração iconográfica da coleção remetem o observador à Espanha em aspectos da sua tradição e de suas características nacionais.

Apresentação da coleção – fonte e objeto

O trabalho realizado através desta coleção partiu da hipótese de que *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* materializa um discurso sobre a nação espanhola evidenciando elementos que caracterizam o ser nacional. Para isso, trouxe a público, através de relatos e imagens, representações simbólicas de mulheres em diferentes e singulares espaços, lugares, funções e atividades, ambientes, hábitos, costumes e vestimenta. Frente aos avanços vivenciados por toda a Europa nos oitocentos, a perda de seus territórios além-mar e a influência que nações européias vinham conquistando dentro da própria Espanha –a França, por exemplo–, desejou mostrar sua história de glória, poder e magnitude. A forma como foi organizada essa obra –tema, discurso ideológico, conteúdo, participantes– evidencia elementos do caráter nacional e mostra a grandeza e importância do seu passado e das suas ações, como a expansão civilizadora. Traz discursos e representações sobre diversos espaços territoriais nacionais e também fora da Espanha-Portugal, Filipinas e Américas. Essa publicação integra e preside o discurso sobre o aspecto nacional e imperial, o significado e o lugar da Espanha naquele momento, evidenciando o único poder que lhe havia restado: o cultural.

Essa obra, que para este trabalho constitui-se em fonte e objeto, condensa e representa a história da Espanha oitocentista. Expõe, através da linguagem iconográfica e textual, o ideal e o desejo de quem já havia tido grande influência no mundo –poder territorial, político, militar e econômico– e procura expressar –por meio da temática feminina, dos conteúdos, concepção do projeto gráfico e noções de mundo– características nacionais espanholas.

Foi produzida na década de 1870 –especificamente nos anos de 1872, 1873 e 1876¹–, idealizada pelo editor D. Miguel Guijarro e está organizada em três volumes formatados com artigos escritos por diversos literatos e periodistas. Um quarto volume, composto por litografias coloridas –cromolitografias– pintadas por artistas espanhóis –conforme consta na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro– era opcional, pois as mesmas foram comercializadas separadamente dos volumes textuais (Ortega, 2005, pp. 151-163).

¹ Cf. Arias Solís, F. Amos De Escalante. Disponível em <http://foros.hispavista.com/demo_board/3/741903/m/amos-de-escalante-por-francisco-arias-solis/> . Acesso em: 06 out. 2008.

Essa coleção foi elaborada a partir de uma estética denominada *costumbrista*. O *costumbrismo* foi um gênero artístico bastante utilizado na Espanha para retratar cenas do cotidiano e do comum, dos tipos e costumes, e teve grande expressão em periódicos, nas pinturas, na literatura e no teatro (Calderon, 1951). Busca descrever cenas e tipos originais e representa o desejo de imobilizar uma situação.²

A publicação traz expressa na capa o objetivo do editor, qual seja, o de representar a singularidade de mulheres e de diversos espaços territoriais:

Tales como son: en el hogar domestico, en los campos, en las ciudades, en el templo, en los espectaculos, en el taller y en los salones. Discripcion y pintura del carácter, costumbres, trajes, usos, religiosidad, belleza, defectos, preocupaciones y excelencias de la mujer de cada una de las provincias de España, Portugal y Américas Españolas.

Tal produção vale-se de duas categorias distintas de linguagens: a textual e a imagética. Além dessa dupla forma de comunicação, diferentes também foram as abordagens dos espaços nacionais representados e os conteúdos designados. Percebem-se destacadas, nos artigos que referenciam a Espanha, mulheres representadas pelos atributos físicos –beleza, formosura, graça–, morais –maternidade, educação, altruísmo– e vinculadas ao progresso, honra da família e da pátria. Nas gravuras espanholas, foram litografadas imagens de mulheres comuns, revelando ambientes, lugares, funções, atividades e a singularidade dos trajes femininos. As narrativas sobre a América trazem outra conotação a respeito da simbologia feminina. Grande parte das litografias retratam mulheres com perfis e posturas aristocráticos, perceptíveis pelo vestuário, ambientes e semelhanças com as espanholas. Nos discursos monográficos os autores apresentaram tipos nativos e misturas raciais, mas sobrepuseram em suas falas as mulheres de descendência espanhola, as brancas, consideradas damas e senhoras da sociedade. A outra parte evidenciada nos artigos americanos foram os aspectos naturais –como a geografia e natureza–, políticos e históricos das regiões descritas.

Litografia e a Coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*

A litografia foi descoberta, por acaso, por Alois Senefelder³. Essa tipologia de imagem⁴ constituía-se em produção mais acessível financeiramente, de fácil

² Cf.: Costumbrismo (artículo de costumbres). Disponível em: <http://www.encyclopedia-aragonesa.com/voz.asp?voz_id=4367> Acesso em: 10 out. 2008.

³ Diz-se que a pobreza, as intempéries, o espírito combativo e a persistência levaram Alois Senefelder a descobrir a litografia. "O artista compôs um verniz de gravador tendo a cera, o sabão e a aguarrás como base; estendia esta composição sobre a pedra polida como se ela fosse uma chapa de cobre; depois gravava, dando-lhe logo após um banho de água-forte, em seguida tirava as provas numa velha prensa, utilizando para tal, uma tinta com certa mistura de óleo e linhaça (...) e uma pequena parte de creme da Tartária. Por fim, limpava-a cuidadosamente com água alcalinada (...)." Mas as provas não lhe agradavam e, mais para frente, descobriu a "(...) acção activa do ácido sob o tampão enegrecido pela tinta de imprensa." (Graça, 1993. pp. 18-19).

⁴ A palavra "litografia" vem do grego "lithos", que significa pedra, e da palavra "grafia". Cf. Técnicas litografia. Disponível em: <http://oliba.uoc.es/aureum/es/s03/index2_lito.html> Acesso em: 14 maio. 2004.

reprodução e divulgação. Charles Blanc considera que a vantagem da litografia “(...) reside en que se adapta tal vez mejor que outro procedimiento y con mayor flexibilidad, a descubrir el genio, carácter o temperamento de cada maestro, ya que no exige intervención extraña alguna.” (Blanc, 1947, p. 670). Durante o século XIX, essa técnica que esteve ligada ao desenvolvimento da imprensa, foi um dos sistemas mais utilizados para a ilustração de livros.⁵ A litografia contribuiu com a disseminação do consumo de imagens por constituir-se em uma técnica mais barata e por facilitar a reprodução de imagens e até mesmo de fotografias.⁶

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, por tratar-se de uma produção que revela saberes no campo da escrita e no aspecto iconográfico, toca os imaginários sociais pela sua característica imagética e pedagógica, por exprimir o engenho e a produção humana num determinado momento histórico e também pela particularidade política que apresenta.⁷

Os textos e imagens que compõem essa obra tocam o olhar e mexem com o gosto e expectativas do observador/destinatário(a) ao mesmo tempo em que apresenta, mostra e ensina sobre espaços e populações. Por outro lado, constitui-se também em expressão política de uma época. Vários são os motivos que a transformam em veículo e espaço de idéias políticas – no plural, por não representar ideologia única. Um deles diz respeito ao período em que foi concebida e produzida. A década de 1860, na Espanha, ficou marcada pela Revolução Gloriosa do ano de 1868. Período de marcante movimentação social, esta sublevação foi apadrinhada pelos partidos progressista e democrático, e culminou com o destronamento da Rainha Isabel II, representante dos *Bourbons*. Durante a primeira fase do período revolucionário, o poder foi exercido por uma Junta Revolucionária de Madri, que ficou com a responsabilidade de constituir um governo provisório (Jover Zamora, 2001, pp. 188-192).

Esse ano, importante para entender a história da Espanha, condensou todas as insatisfações dos espanhóis daquele momento, burguesia, proletariado e camponeses. As causas da Revolução de 68, na visão de alguns autores, são de natureza social e política, muito mais do que econômica. Era a soberania nacional que se buscava, um governo que representasse todas as forças vivas do país, o estabelecimento de uma ordem e da regeneração social e política. Mas essa agitação revolucionária, como salienta o autor, constituiu-se em um movimento burguês que não buscou uma ruptura total, mas a substituição de um regime moderado por um democrático/liberal. O governo provisório, a partir de 1869, empreendeu um novo sistema político que se baseou no reconhecimento dos

⁵ Cf.: Técnicas litografia. Disponível em: <http://oliba.uoc.es/aureum/es/s03/index2_lito.html>. Acesso em: 14 maio. 2004.

⁶ Sobre essas questões ver (Benjamin, 1994).

⁷ Sobre o domínio do Imaginário como um lugar estratégico de poder, ver (Baczko, 1985).

direitos de todos os cidadãos à participação política e verificou-se a diminuição do poder real. Esta fórmula vigorou até 1873, enquanto Amadeo de Saboya esteve no poder. Encontrou oposição da Igreja, dos republicanos, e de parcela da população através do desenvolvimento de movimentos de trabalhadores e greves. A revolução estabeleceu um regime sob novas bases, mas as reformas sociais tiveram um alcance muito limitado (Artola, 1983, pp. 363-381).

A intencionalidade política da coleção *Las mujeres...* também está representada no fenômeno do surgimento do homem comum no seio da sociedade oitocentista –aparecimento de novos tipos sociais– e sua vinculação ao enredo nacional. A emergência das nações, principalmente após a Revolução Francesa (Hobsbawm, 2004, p. 125) –que marcou de forma indelével o dezenove–, configurou-se em pano de fundo para essa nova inclusão no discurso nacional. A vinculação e a participação efetiva com e na política pela grande maioria dos escritores também dá indícios da expressão política dessa publicação.

O nacionalismo constitui-se em fato representativo do século XIX. Implicou a exaltação das qualidades de um povo, sugeriu sua força política e supôs afirmação de poder e grandeza. O problema que toca essa questão são os critérios e discursos utilizados para corporificar e dar sentido ao que poderia ser o nacional: dos mais objetivos, como língua, religião, raça –considerando todas as implicações da teoria racista– aos de caráter mais subjetivos, todos apresentaram-se insuficientes e problemáticos.

O século anterior já enunciava a questão da nacionalidade com a conceitualização de caráter nacional de J. G. Herder, baseada no princípio da originalidade. Este filósofo defendeu a ideia de um desenvolvimento orgânico das nações e ancorou-se na perspectiva da valorização da originalidade de cada povo e desenvolvimento das características particulares e especificidades de cada um. Herder sustentou a condução autônoma e heterogênea das nações. Entre os aspectos de sua tese, uma delas conduzia à valorização do passado e à fuga diante da vida moderna (Leite, 1992, pp. 33-34).

As teorias que tentaram explicar a ideia de formação do caráter nacional – conceitos psicanalíticos, fisiológicos/biológicos, antropológicos, históricos –, de acordo com Dante Moreira Leite, não resistiram “(...) a uma análise mais objetiva, mais rigorosa, e parecem revelar formas (...) de preconceitos contra estrangeiros, bem como a exaltação da própria cultura. Neste sentido, seria possível classificar essas descrições como ideologias e não como teorias científicas.” (Leite, 1992, p. 133).

Embora na atualidade o conceito de caráter nacional e sua inerente insuficiência tenham sido colocados em questão, a particularidade da fonte analisada nesta pesquisa suscita –principalmente por tratar-se de produção do século

XIX– a identificação do “ser nacional espanhol” retomando aspectos originais e peculiares dos povos dessa nação. Literatos e litógrafos encamparam a idéia do editor de retratar tipos originais e particulares de vários territórios tocados pela civilização espanhola e lançaram-se no propósito de descrever, criar perfis e registrar personagens simbólicos que caracterizassem singularidades e representassem, de certa forma, o passado da Espanha. Assim, a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* emerge na problemática nacional da segunda metade dos oitocentos, buscando definir e encontrar traços do caráter espanhol e representar os indivíduos em suas especificidades singulares, seja nas províncias espanholas ou em regiões colonizadas por essa nação. Na particularidade dessa obra, foram as formas femininas utilizadas para simbolizar e representar todas essas perspectivas – e expectativas – que envolviam a problemática nacional espanhola.

Discurso oitocentista sobre o feminino

O discurso sobre o feminino, as noções e concepções sobre a mulher reuniam as qualidades e elementos necessários para dar suporte a empreitada acima citada. Uma das facetas do discurso sobre a mulher no século XIX diz respeito a sua emancipação, pautada na idéia de responsabilidade da igreja católica pela liberação feminina. O conceito de emancipação que aparece nos artigos que compõem a obra não é o mesmo que o da contemporaneidade. Sendo assim, cabe ressaltar que esta liberação significa matrimônio monogâmico e indissolúvel, responsabilidade do marido para com a mulher, exaltação da maternidade e poderes femininos no espaço privado em relação à família – marido e filhos – e a casa (Aguado Hicón, 1994. p. 366). Trata-se de discurso masculino sobre uma mulher liberta e redimida pela história de Maria, a mãe de Jesus Cristo, com toda a importância que ela representa para a humanidade, mas que ocupa um lugar de submissão na sociedade no tocante ao aspecto público, questões e espaços decorrentes dele. Literatos e periodistas colaboradores da coleção, em seus discursos, referem-se a essa mulher e a evidenciam como emancipada –pelo cristianismo–, livres da condição de escravas e de coisas (assim teriam sido tratadas no passado). Escritores e litógrafos descrevem e pintam-nas como símbolos sacralizados, na intenção de criar, disseminar e conservar imagens idealizadas. Encontra-se ressaltado nessa coleção o caráter social e moral da mulher e a afetividade como característica intrínseca a todas elas. Altruísmo, maternidade e sentimento patriótico aparecem como inerentes e essenciais à concepção de mulher e, apenas neste aspecto, expõem a supremacia feminina sobre o homem. Os textos trazem a idéia de que a sorte da sociedade depende da massa feminina, que o país depende delas e revelam um tratamento positivista na forma de conceituá-las –nos aspectos moral e social–, na concepção e elaboração/produção da obra.

Segundo Jorge Lagarrigue, importante divulgador chileno, no século XIX, de Auguste Comte, o positivismo consiste em uma doutrina cuja finalidade altruísta assinala a vida humana, estabelecendo harmonia entre os indivíduos, a família, a pátria e a humanidade⁸. Seus princípios coordenam as três partes da existência do indivíduo e da sociedade, caracterizados pelo sentimento, inteligência e atividade – indispensáveis para a ordem e progresso da sociedade. Esta doutrina busca o aperfeiçoamento físico, intelectual e moral da espécie humana e tem como concepção o trabalho a favor da obra coletiva no sentido do aperfeiçoamento intelectual, moral e material da espécie. A fórmula “sagrada” do positivismo está representada na tríade: amor por princípio, ordem por base e progresso por finalidade.

A família constitui-se em um importante alicerce para o fundamento positivista. Para Lagarrigue, esta instituição prepara o homem para a vida cívica e encontra-se amparada pela influência da mulher – fonte da moralidade e personificação da humanidade. A Família, a Pátria e a Humanidade, afirma, regula toda a existência individual.

A natureza religiosa da mulher também é abordada pelo autor. Entende que vivem para os afetos, sentimentos e delicadeza e relata que as mulheres “jamais” abandonam a prática religiosa, permanecendo fiéis ao catolicismo – religião que fala ao coração, órgão que simboliza o centro da existência feminina.⁹ As mulheres são representadas no ideário positivista como o anjo guardião do “santuário doméstico”, que vela pela moralidade da família; busca na religião, autoridade para manter o homem no caminho da virtude.

Raimundo Teixeira Mendes, positivista seguidor de Augusto Comte, entende que o positivismo considera a primazia moral e social da mulher e reitera o pensamento oitocentista sobre a concepção, função, autoridade e primordialidade da mulher na sociedade. As idéias disseminadas por ele entram em consonância com o imaginário social sobre a importância e valor feminino que contribuem para determinar a conduta e disseminar valores morais respectivos às mulheres. Argumenta que cabe à mulher disciplinar a sociedade, uma vez que possui a missão de formar os homens da nação (Mendes, 1931).¹⁰

Por que tematizar mulheres? Para refletir sobre esta questão, parte-se do pressuposto de que elas foram escolhidas como representantes desse homem comum que entrou em cena no século XIX. Elas figuravam como catalisadoras

⁸ Cf.: Lagarrigue, J. Positivismo y catolicismo. Disponível em: <<http://www.antologiadelpensamientohispanico.com>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

⁹ Jorge Lagarrigue, no texto positivismo y catolicismo, constrói uma argumentação favorável à condição religiosa do Positivismo e tece críticas ao Catolicismo, definindo-o como religião de fundamento inferior, ineficiente e ultrapassada.

¹⁰ Embora este autor escreva no século XX, seu discurso e idéias baseiam-se em concepções relativas ao século XIX.

desses novos tipos sociais que não podiam mais ser ignorados, inclusive elas próprias.

Ícone do dezenove, a mulher foi eleita para representar e simbolizar os propósitos nacionalistas – inclusive da Espanha. Esta particularidade chama a atenção por tratar-se de concepção editorial e colaborações exclusivamente masculinas, e também em função das concepções, normas e padrões que configuravam o feminino e remetiam ao espaço privado, doméstico, e não a âmbito público.

Essa coleção denota que a história dos oitocentos teve alterada não só a configuração social e política das nações, mas que também vivenciou a inclusão de novos indivíduos e, entre eles, estavam as mulheres. “Nunca se falou tanto das mulheres como no século XIX”, adverte Stéphane Michaud, (1991, p. 145) e “(...) a modernidade é um ensejo para as mulheres (...) porque as consequências das mudanças econômicas e políticas, sociais e culturais, características do século XIX, lhes são favoráveis”, afirmam Geneviève Fraisse e Michelle Perrot (Fraisse; Perrot, 1991, pp.9-10). Esse século destacou-se por tomar a mulher como símbolo, ícone idealizado e construir para elas um lugar especial – e pretensamente de poder – na nova forma de organização ocidental.

Algumas considerações...

No último terço dos oitocentos, tornou-se pungente – mais que a problematização sobre a constituição da nação – o discurso e o sentimento nacional, a construção do sentido e desejo de pertencimento. Além de adequado, tornou-se eficaz e profícuo vincular a imagem da mulher e tudo o que ela representava - maternidade, altruísmo, moralidade, abnegação, afetividade – aos aspectos nacionais.

Dessa forma, considerando a coleção *Las mujeres...* como um produto da cultura material que refletia os anseios e desejos dos espanhóis na segunda metade dos oitocentos, esse “homem comum”, como define Hobsbawm (2004), foi representado nessa obra por figuras femininas caracterizando espaços territoriais. As mulheres, que por tanto tempo foram marginalizadas da história, da política, enfim, do espaço público, simbolizaram a inclusão e o pertencimento. No entendimento dos positivistas do século XIX, por serem altruístas, elas representavam a humanidade (Carvalho, 1990, p. 81), e a humanidade, podia-se considerar, compreendia o todo.

O conteúdo da obra também evidencia esse processo de retomada e reconstrução do caráter nacional espanhol. Ele toca em questões nacionais utilizando o hispanismo como ideário para formatar o discurso presente na coleção. O hispanismo baseou-se na idéia de experiências comuns, de uma identidade entre territórios que compartilham ou compartilharam o mesmo ideal de civilização – de comum acordo ou imposto.¹¹

¹¹ Sobre hispanismo ver (Pérez Montfort, 1992; Bastos, 2003; Beired, 2003, pp. 35-58).

Ao perder o poderio econômico, político e territorial, restou à Espanha construir um discurso de reconhecimento e pertencimento como forma de justificar seu desejo de tutela sobre os territórios que havia conquistado, ao mesmo tempo em que aproveitou para focalizar sua própria história e particularidade nacional. Dessa forma, através de imagens e textos, a Espanha procurou mostrar um domínio cultural sobre os espaços que outrora lhe pertenceram e os aproximar às suas experiências e histórias, evidenciando uma idéia de hispanidade. Conjugado a um discurso hispanista, literatos e litógrafos descreveram e retrataram os diversos territórios delimitados pelo editor, na tentativa de destacar o pertencimento - da Espanha para a América e Filipinas e destas para a Espanha. Uma via de mão dupla, um jogo de espelhos.

Compartilhar experiências comuns, insistir na idéia de pertencimento a uma comunidade única, retomar valores, práticas, experiências, religião, tradições, língua e costumes, tudo isso era necessário para impulsionar o hispanismo como um ideal nos imaginários sociais. Uma forma de elaborar todos esses fenômenos era recorrer à idéia de tradição e, para isso, utilizou-se do passado histórico.¹² A formulação da hispanidade como discurso de identidade comum entre os novos territórios independentes e a ex-metrópole pode ser entendida como criação de uma tradição, projetada para justificar o interesse da Espanha na América.¹³

Essa coleção também traz e traduz sentidos e signo de progresso como expressão da problemática nacional. No conteúdo dos textos, a maioria dos autores refere-se ao progresso como algo evidente, porém nem sempre benéfico para a história nacional. Atestam que este carrega consigo as transformações que corrompem e mudam hábitos, usos, costumes, trajes, enfim, os elementos e aspectos da cultura hispânica.¹⁴ Outro indício do progresso fica destacado pelo poder editorial e econômico que esta representa – além dos recursos financeiros, o editor movimentou uma gama de literatos, periodistas, políticos e litógrafos espanhóis, até mesmo portugueses e americanos.

Dessa forma, encontra-se, nesta publicação, um discurso da Espanha sobre as Américas –e outros espaços que sofreram sua influência– e sobre si. Percebe-se a preponderância do seu olhar e concepção sobre o outro – e pode-se conside-

¹² Esta questão nos remete ao conceito de tradição inventada, cunhada por Eric Hobsbawm, que assim a define: "Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas (...) de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuação em relação ao passado." (Hobsbawm; Ranger, 1984. p. 9).

¹³ Para restaurar - ou criar - uma tradição é necessário utilizar elementos antigos nas novas tradições e, esse passado, o qual é recuperado, não necessariamente precisa ter existido. Ele pode ser criado através da lenda ou pela invenção, ou seja, trata-se de manipulação consciente dos símbolos (Hobsbawm; Ranger, 1984. Pp. 15-17).

¹⁴ A "emancipação feminina" à qual os autores fazem referência também significa progresso, porém, não da vida material, mas sim da condição humana.

rar como “outro” a própria nação espanhola que, no século XIX, ainda estava vivenciando seu processo de unificação.¹⁵

Essa obra também representa uma confluência entre identidade e alteridade. Salta aos olhos a criação de um discurso construtor de identidades comuns, iguais entre homens e mulheres do “velho mundo” e aqueles(as) nascidos(as) no “novo”, a despeito da presença das raças nativas e da miscigenação. Na perspectiva hispanista, prezou pela verossimilhança entre os povos dos dois lados do Atlântico, falantes da língua castelhana.¹⁶ Constitui-se em uma forma de identificar-se identificando o outro.

Composta por textos e imagens, partiu-se do pressuposto de que a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* configurou-se em uma forma eficaz de tocar os imaginários sociais ao proporcionar belas imagens e textos minuciosos, ambos permeados por uma conotação política. Posicionada entre o pedagógico e o científico, chegou até as mentes e os corações para o deleite promovido pelas cores, imagens, simbolismos e reflexão de cunho político sobre os indivíduos espanhóis –e hispânicos– daquela época. Esta coleção remete, então, a questões que envolvem o “ser espanhol” e o caráter nacional daquela nação.

¹⁵ Os conflitos internos, no tocante a esta questão, permanecem até a atualidade.

¹⁶ Sobre a “retórica da alteridade” ver (Hartog, 1999). Sobre a relação entre identidade e alteridade, a historiadora Maria Lígia Prado diz que para construir identidades nacionais é preciso apagar as diferenças, as contradições e construir a homogeneidade. Esse encadeamento de ações acontece porque, segundo ela, a identidade deriva do diferente, o diferente traz consigo o risco e o risco perturba. Destaca que as identidades precisam tocar os corações dos indivíduos e provocar a sensação de pertencimento (Prado, 2009).

Referências

Arias Solis, F. Amos De Escalante.

Disponível em <http://foros.hispavista.com/demo_board/3/741903/m/amos-de-escalante-por-francisco-arias-solis/> . Acesso em: 06 out. 2008.

Aguado Hicón, A. M. [et al]. (1994). Textos para la historia de las mujeres en España. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A.

Artola, M. (1983). La burguesía revolucionária (1808-1874). Madrid: Alianza Editorial.

Baczko, B. (1985). Imaginação Social. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 5, Antropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Bastos, E. R. (2003). Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno. Bauru, São Paulo: Edusc..

Beired, J. L. B. (2006). Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas In: VII Encontro Internacional da ANPHLAC, Campinas. Anais do VII Encontro Internacional da ANPHLAC.

Benjamin, W. (1994). Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura. SP: Brasiliense. (Obras escolhidas; v. 1)

Blanc, C. (1947). Gramatica de las artes del dibujo: arquitectura, pintura, escultura, grabado, aguafuerte, xilografia, litografia, aguatinta, medallas, camaieu. Buenos Aires: Editorial Victor Lerú.

Calderon, E. C. (org). (1951). Costumbristas españoles. Autores correspondientes a los siglos XIX e XX. Tomo III. Madrid: Aguilar S. A de ediciones.

Capelato, M. H. R. (2003). A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. In: Revista História. São Paulo, V. 22, n.2. pp. 35-58.

Carvalho, J. M. (1990). A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

Fraisse, G. e Perrot, M. (1991). Introdução: ordens e liberdades. In: Duby, G. e Perrot, M. (orgs.)

História das mulheres no Ocidente: o século XIX. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil. 4 vol. Pp. 9-10.

Graça, R. S. (1993). Breve história da litografia: sua introdução e primeiros passos em Portugal. Portugal: a litografia de Portugal.

Hartog, F. (1999). O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro. Tradução Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: editora UFMG.

Hobsbawm, E. e Ranger, T. (orgs.). (1984) A invenção das tradições. Trad. Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Hobsbawm, E. J. (2004). A nação como novidade: da revolução ao liberalismo. In: Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Trad. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Jover Zamora, J. M.; Gómez-Ferrer Morant, G.; Fusi Aizpúrua, J. P. (2001). España: sociedad, política y civilización (siglos XIX-XX). Madrid; Areté.

Lagarigue, J. Positivismo y catolicismo. Disponível em: <<http://www.antologiadelpensamientohispanico.com>> Acesso em: 15 dez. 2008.

Leite, D. M. (1992). O caráter nacional brasileiro: histórias de uma ideologia. São Paulo: Ática.

Mendes, R. T. (1931). Sobre a preeminência moral e social da mulher de acordo com o positivismo. Rio de Janeiro: Sede Central da Igreja Positivista do Brasil.

Michaud, S. (1991). Idolatrias: representações artísticas e literárias In: Duby, G. e Perrot, M. (orgs.). História das mulheres no Ocidente: o século XIX. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil. 4 vol, p. 145.

Ortega, Marie-Linda (2005). Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortega. In: Devois, Jean-Michel (ed.): Prensa, impresos, lectura en el

mundo ibérico e iberoamericano contemporâneo. Homenaje a Jean-François Botrel. Presses Universitaires de Bordeaux. Pp. 151-163.

Pastoureau, M. (1997). Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade. Tradução: Maria José Figueiredo. Lisboa: Editorial Estampa.

Pérez Montfort, R. (1992). Hispanismo y Falange: los sueños imperiales de la derecha española. México: Fondo de Cultura Económica.

Prado, M. L. C. P. (2009). Uma introdução ao conceito de identidade. In: Barbosa, C. A. S. y Garcia, T. C. (orgs.). Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas – Volume 1.

Ribeiro, J. A. C. L. (1907). Tratado de Armaria (technica e regras do Brasão D'Armas). Lisboa: Empreza da Historia de Portugal.

Sites consultados

Técnicas litografia. Disponível em: <http://oliba.uoc.es/aureum/es/s03/index2_lito.html>. Acesso em: 14 maio. 2004.

Costumbrismo (artículo de costumbres). Disponível em: <http://www.encyclopedia-aragonesa.com/voz.asp?voz_id=4367> Acesso em: 10 out. 2008.